

Canteiro de obras pode virar palanque tucano

Ruy Fabiano
de Brasília

O ministro da Justiça, Renan Calheiros, encontrou um meio de contornar as dificuldades do candidato Fernando Henrique Cardoso diante dos múltiplos palanques que o disputam nos estados. Em vez de subir em todos, o que poderia acirrar as disputas em sua base política, ou de montar palanque próprio, o presidente deve servir-se de um palanque virtual: os canteiros de obras.

A lei eleitoral proíbe que o governante-candidato inaugure obras em período de campanha. Mas nada diz quanto a supervisionar obras em andamento, até porque esse é um ato eminentemente governativo, sem deixar de ser também eleitoral.

Calheiros sugerirá essa alternativa ao presidente, com base em premissa que julga legítima: a plataforma de um governante-candidato é sua obra administrativa. É seu dever, pois, exibi-la.

"Essa premissa tem mão dupla. Se a administração é ruim, acaba sendo exposta pelos adversários. Mas, se for boa, terá que ser mostrada pelo governante", diz o ministro. Ao inspecionar obras em todo o País, o presidente não faria proselitismo eleitoral, mas aproveitaria sua exposição natural na mídia para mostrar realizações do governo.

A sugestão do ministro está sendo encaminhada no momento em que o comitê da reeleição ainda discute qual a melhor estratégia para administrar o precário convívio dos aliados federais nos estados.

A princípio, o comitê defendia a tese de que Fernando Henrique deveria manter-se à distância das querelas estaduais. Ficaria a maior parte do tempo em Brasília, participando

basicamente da campanha no horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão. As pesquisas, porém, desaconselharam tal distanciamento.

Os profissionais de marketing da campanha consideraram importante que o presidente se faça presente junto ao povo, de modo a quebrar a imagem elitista que ainda se tem dele.

Decidiu-se então que o presidente subiria em todos os palanques de seus aliados, falando sempre em nome da coligação. Considerou-se, no entanto, que isso tornaria a campanha exaustiva, tantas são as dissensões na sua base política. Se, por descuido, um único aliado fosse excluído, o custo político poderia ser altíssimo. Chegou-se, por fim, à idéia do palanque próprio, montado exclusivamente para o presidente em cada estado.

Seria também problemático. Como excluir dele o próprio governador do estado? E como incluí-lo se, em muitos estados, os adversários do governador são

também aliados do presidente?

Dentro de tal contexto, ocorreu ao ministro da Justiça, que tem desempenhado papel de mediador em conflitos políticos estaduais -- foi quem pacificou Itamar Franco em Minas, garantindo-lhe candidatura pelo PMDB --, a idéia de montar um palanque virtual nos canteiros de obras.

Renan acredita que a exacerbação competitiva entre os aliados governista nos estados tem por trás a disputa pela hegemonia das bancadas na Câmara. "É inevitável que o tema parlamentarismo se faça presente na discussão da reforma política. Aí é fundamental a dimensão das bancadas". Há estados em que o PSDB quis impedir que o PMDB, que não apóia formalmente a reeleição, ostentasse cartazes com nome e fotos do presidente.

"Se a administração é ruim, acaba exposta pelos adversários. Se for boa, terá que ser mostrada pelo governante"